



EM CONTOS

Celso Corrêa de Freitas

E quem achar que deve, que conte outro...



O índio, vindo lá de Itanhaém, desce o rio até chegar ao que hoje conhecemos como Portinho, área localizada próxima a ponte do mar pequeno....

De volta a sua aldeia o cacique lhe pergunta:

Dauá por onde você andou?

E ele ainda extasiado responde ao Cacique:

- Eu desci o PEAÇABUÇU e encontrei

Paranaguá(Tradução...Eu desci pelo Caminho das Palmeiras Grande e fui parar na enseada do mar grande").

Esse índio, falava do lugar que se transformou na cidade de Praia Grande-Litoral Sul de São Paulo...

Onde este "Em Conto" foi pensado, tecido, editado, e que agora, está em suas mãos.

Boa leitura!

Prefácio

Uma vez mais, o poeta e escritor fluminense de nascimento e praia-grandense de coração Celso Corrêa de Freitas – a quem a partir de agora aqui tratarei simplesmente por “CCF”, seu nome artístico – nos brinda com esta excelente seleção de contos, os quais tenho a honra de dizer que fui um dos primeiros leitores.

Com seu sempre afiado talento em descrever com detalhes os cenários e os sentimentos de suas personagens, CCF reforça seus contos usando linguagem popular, tornando acessível a todos a leitura de suas obras, e não somente desta.

Ao ler cada um dos contos, o leitor será transportado diretamente para o cenário em que o conto está se desenrolando, Fazendo com que possamos vir a torcer contra ou a favor das personagens, em uma expectativa enorme de logo chegar ao final.

E isso independentemente de para quem estamos torcendo.

Aliás, esta é uma característica do autor: nos despertar para sentimentos que muitas vezes não reparamos em nosso dia-a-dia e associá-los a situações pelas quais usualmente passamos, seja como expectadores ou como protagonistas, além de proporcionar as sinapses em nossas mentes nos trazendo de volta lembranças e imaginando “e se fosse comigo...?”

Como eu mesmo havia dito para CCF, suas obras, especialmente esta, trazem filosofia simples, objetiva e de fácil entendimento, como ela deve ser, e não se perde em elucubrações que levam a lugar nenhum, a exemplo de muitos autores que estão à disposição aos baldes no mundo digital.

Se dependesse deste autor, não só livros de uma forma geral seriam mais lidos como também toda cultura brasileira seria muitíssimo mais disseminada, sobretudo se considerarmos que CCF não é “somente” um autor, mas um promotor de eventos culturais e todos podemos acompanhar suas ações através de seu perfil no FB, especialmente, o que corrobora sua inclinação para a inovação.

Para mim, a leitura de “Em Contos” foi uma experiência sensacional, assim como o foi a leitura de “Cem Tenças”, que também recomendo.

Nesta obra, o próprio autor nos convida a “passear usando a ciclovia de seu pensamento”, que tomo a liberdade de parafrasear e reiterar o convite para a leitura de “Em Contos”.

Vimerson Folles Bergamini

Abril/2019

O
B
R
I
2019

A
D
O
Coragem
Confiança
e
Foco

*Sou grato a todos que
direta ou indiretamente
me permitiram chegar
até este momento*

*Graças a esses muitos,
que aqui estão de forma
anônima, estou colocan-
do em suas mãos para
sua leitura, o meu livro
Em Conto.*

Boa Leitura!



**Nas próximas páginas, o nosso
encontro vai acontecer.**

**Eu autor, você leitor
e a nos unir, o livro:**

EM CONTOS



Vamos virar essa página?

EU, CLEO E A TORRE

Madrugada do dia 21/04/06 estou sonhando...

O prédio a minha frente, altíssimo!

Parecia em festa. Os fogos que dele saiam eram de artifício e os gritos soavam para mim como consequência natural de uma social algazarra.

Quando me dei conta que a realidade era antagônica a minha suposição, Cleo, minha gata siamesa, mia forte! O que ela quer?

entrar! Não, sair!

Olho o relógio, são 3:15... Levanto-me.

Ela reluta, fica me dando baile.

Coloco-a pela janela, no piso da varanda. 3:20, volto para a cama ainda quente e logo adormeço. A

experiência da continuidade de um sonho é inédita para mim. O meu devaneio agora é claro e antes não o estivesse tendo. Da para ver, ouvir e sentir o pavor. As explosões se sucedem. Os gritos rasgam a metrópole.

Pessoas se atiram no vazio, cegas de razão.

De repente um forte estalo anuncia, o prédio vai desabar!



Do alto da torre Eiffel eu desmorono também em lágrimas, vendo vir em minha direção àquela grossa e imensa nuvem de entulhos e resíduos humanos...
O celular coloca-me de pé novamente para a vida, são 7 horas, preciso acordar e correr para o trabalho que me aguarda para me devorar.

Imagem Goggle - Designity.net

O ADEUS DE SADAN

A aflição dele contagiava todos ao redor.

O seu esforço para despedir-se da pessoa que estava naquele momento, entrando no ônibus, que tinha como destino São Paulo, era aos olhos de quem assistia, uma demonstração clara de um amor muito grande pôr quem agora, estava a procurar no interior do ônibus, a sua poltrona.

Como ele não conseguia vê-la direito daquele lado da plataforma, ele correu para a lateral direita do coletivo.

Já acomodada na sua poltrona e com a janela a sua disposição, a passageira chamou-o e rapidamente, atropelando alguns que pôr ali passavam, voltou .

Tentava alcançar a janela. Pulava, pulava...mas seu esforço para alcançar a mão que aquela pessoa lhe estendia era inútil.

Restou-lhe então; ficar a observar, cumprida as normas de liberação , a lenta saída do ônibus da plataforma 5.

Como ele não estava ali, naquele momento de despedida, só! Quem estava com ele, acenou pela

ultima vez para a viajante e carinhosamente falou para o companheiro em cujo olhar perdido num ponto fixo a sua frente, calado aguardava:

- Vamos Sadan!

O Basset Hound, com seu corpo de salchicha e suas pernas curtas, começou a caminhar ao lado daquele que lhe dera a ordem de retirada do local.

Aquele, não devia ser o seu dono. Pela forma como mantinha a cabeça baixa, a inércia do seu rabo e a vagarosidade dos seus passos, o seu verdadeiro dono, estava no ônibus que acabara de partir. "PARTIR, É LEVAR DE ALGUÉM, A LEMBRANÇA! FICAR...É ESPERAR DE QUEM PARTE, A VOLTA! Todos nós, estamos sempre aguardando a volta de alguém. Principalmente, daqueles que amamos.

FIM

1º CAPÍTULO - TECOS DA VIDA REAL

O AMOR E O VENTILADOR

1972, neste ano eu vivia de forma verdadeira e intensa a minha primeira paixão.

Na verdade, vivíamos! Pois Helena também estava apaixonada por mim.

Éramos, na opinião de moradores do bairro da Cruz Vermelha, centro do Rio de Janeiro, o casal mais representativo do amor que deveria existir entre um homem e uma mulher.

Mas havia uma situação que nos incomodava e começava a nos trazer complicações.

Nesta época, eu ainda não completara 17 anos e Helena estava com 21 anos já feitos. Nosso romance acontecia há dois anos e a hora da verdade para cada um de nós aproximava-se de forma a revelar os caminhos dos nossos destinos.

Eu, a quem cabia as mais importantes decisões, estava numa ferrenha briga com o mundo material, pela vitória do meu sentimento.

Mas estava dando tudo errado e a cada dia a minha batalha se transformava num doloroso angustiante fracasso.

Eu queria dar o Sol e a Lua para Helena, porém não conseguia dar um passo rumo à satisfação das necessidades daquela que eu queria que fosse a minha mulher, para sempre!

A primeira vítima da minha temporal depressão, foi a minha mãe, que, com muito jeito, e apoio da Helena, conseguiu me convencer a procurar ajuda com um especialista médico.

Minha mãe marcou uma consulta com um Psicanalista (Analista na época ainda não era uma expressão em moda) do setor de Psiquiatria do então INPS (Instituto Nacional de Previdência Social).

Eu cheguei ao posto do Instituto acompanhado de Helena.

Em atenção à minha mãe, a quem conhecia, o Doutor permitiu que Helena participasse da sessão.

Para minha mãe, Helena era a garantia de que eu não entraria em parafuso durante a consulta.

Entrei na sala e aquele homem de jaleco branco, calça jeans e alpargata, indicou-nos as cadeiras postadas à frente da sua mesa.

Pedi que o aguardássemos por um instante e saiu da sala, com passos tão rápidos que seus longos cabelos, já embranquecidos pelo tempo, esvoaçaram.

Eu e Helena, nos dedicamos então a correr os olhos pela sala onde uma mesa com livros e papéis espalhados desordenadamente se impunha sobre os demais móveis.

Uma velha prateleira, onde o sebo nos vidros dificultava muito ver o que havia lá dentro, parecia querer desabar a qualquer momento, tamanha a sua inclinação.

Na parede, uma estante de jornais velhos, empilhados, tendo em cima um telefone cuja função era a de servir de peso para que a pilha não se deslocasse para um dos lados e viesse ao chão.

O fio desse telefone, estendido em paralelo à parede, parecia uma serpentina, e não tinha função nenhuma.

A tomada ficava do outro lado da sala e nela estava ligado um preguiçoso ventilador.

O empoeirado ventilador, sempre que completava o seu curso, emitia um barulho como o de uma régua chocando-se contra uma lousa.

Teck....Teck...Teck....Teck

Um homem, com roupas de serviços em manutenção, entrou na sala, passou por nós, sem sequer nos olhar, ajoelhou-se diante do ventilador e ficou a mexer até que se levantou e tal como entrou, saiu da sala.

O ventilador parou de emitir aquele som sem sentido para nós e até ficara mais veloz e ventoso.

Alguns minutos depois, o Doutor retornou a sala e se colocou diante de mim do outro lado da mesa, disposto a ouvir-me.

Nossa conversa ia bem, mas não durou muito.

De repente o Doutor parou, como a farejar algo no ar. Colocou o seu indicador diante dos lábios impondo-me o silêncio e virou se em direção ao canto onde estava o ventilador.

Ficou por instantes a olhar aquela peça de museu e no minuto seguinte explodiu.

O que se seguiu a essa explosão foi um corre-corre de pessoas, entrando e saindo da sala, procurando: Primeiro acalmar o Doutor e na seqüência encontrar o funcionário que havia mexido no ventilador e dele retirado o “Teck”.

O funcionário (coitado!) foi encontrado e colocado diante do seu algoz.

Após passar pela ira do homem de branco que o colocou num nível de idiotia absoluta, voltou a se ajoelhar diante do ventilador e dali só se levantou quando finalmente conseguiu colocar nele de volta, o Teck.

O êxtase do Doutor diante do seu ventilador tal como era antes durou uns 15 minutos, findo os quais ele lembrou-se de mim e retomou a consulta.

Ah! Você deve encontrar-se curioso quanto ao diagnóstico desse médico, dado ao meu dilema.

De fato! Ele o resolveu, indo ao fundo do problema...mas isto é assunto para um novo capítulo da minha própria novela.

Aguarde!

AMELINHA DECIDIDA

"Quando ela acordou, não estava atrasada, mas precisava apressar-se para chegar no horário lá no espaço Convivência para as aulas de Tai chi chuan e Ioga."

No seu quarto enquanto se arrumava, desviou o olhar para a cama onde parecendo morto estava o seu marido.

Dormia um sono profundo, curando-se da bebedeira do dia anterior.

Chegara em casa tropeçando nos próprios pés, vindo do bar onde com os amigos passavam o tempo a falar daquilo que um dia já lhes dera muitas alegrias, mas que hoje era só decepção, o futebol.

Para remediar trocavam entre si, as mesmas piadas de sempre, rodeados por algumas meninas, que entre eles eram chamadas de "novinhas", cuja única ocupação na vida, era arrumar algum com alguém naquela espelunca que lhe permitisse uns trocados para gastar com o seu parças na biqueira mais próxima.

Lembrou-se de ter dito a ele, quando lhe abriu a porta:

Assim está ficando difícil Fagundes!

A resposta dele veio carregada do odor de cachaça, cigarro e carne de churrasco:

Conversar com os amigos agora é crime Amelinha?

Aquele Amelinha era um cravo de cruz na sua convicção, e ela assumia o que seu marido pensava dela, e no papel de Amelinha foi atrás do seu martírio para coloca-lo na cama, depois foi para a sala ver se conseguia dormir.

Ele roncava forte irritando-a.

Ela acabou de arrumar-se, e disse para si mesmo antes de sair daquele quarto:

Bom, acredito que esta na hora...

De aproveitar e tacar fogo nisso!

FIM

A DESPEDIDA

Caio tinha tomado uma decisão na sua vida, partir! Deixar Isabel e embarcar numa aventura que sempre quisera ter, ir para os Estados Unidos e lá estabelecer-se.

Optara pela ida de navio, pois assim teria no curso da viagem, muito mais tempo para esquecer Isabel, com quem estava vivendo nos últimos três anos, um relacionamento de muitos planos e algumas incomodas incertezas.

Todas da sua parte a bem da verdade.

No dia da viagem, a discussão com Isabel começou com os primeiros raios de sol e se prolongou até o momento da despedida ao final da tarde.

Isabel tentou dissuadi-lo, com palavras bonitas, carinhos excitantes, mesa farta, lágrimas, desespero e até certa dose de violência contra o peito daquele que era o seu único e grande amor.

Mas Caio, não alterou seus planos, estava decidido a correr atrás do seu sonho. Desvencilhou-se de Isabel e seu pranto sentido, e se foi.

Em seu apartamento no Gonzaga, ela procurava resistir à dor da perda, estava muito difícil e seu coração parecia querer explodir.

De repente, ela levanta-se e sai, seguindo ordens do seu coração, vai para a Ponta da Praia, de onde da murada, daria a Caio, pela ultima vez, algo de si...

O seu definitivo adeus, assim que o navio no qual ele estava embarcado, por ali passasse.

Caio e Isabel, até aquele momento, era uma poesia interminada(*).



Vendo a Ponta da Praia-Santos/SP do Guarujá

Foto CCF

A DESPEDIDA

O barco solta suas amarras lá no porto.
A tristeza finca seus pés na Ponta da Praia,
Por ela passa, um navio após outro.
Na proa sob o clarão da lua,
Ele a vê, na murada, inteiramente nua!
Um alerta paralisa a nau, **HOMEM AO MAR!**

Moral da história:

Quem busca um sonho que não contempla a
existência do amor nele, quando encontra o sucesso
pessoal, fracassa na felicidade existencial.
Caio, preferiu não correr esse risco!

(*)Nota CCF: O uso da palavra INTERMINADA, é
intencional. Na literatura a expressão, "terminar um
texto" é muito comum.

A palavra INTERMINADA dá a ideia de algo que não
TEVE TERMO, NÃO ACABOU.

Fotos: Gilberto Grecco

2º CAPÍTULO - TECOS DA VIDA

O DIAGNÓSTICO

O Doutor Dorival, enfim começou; após ter saído do êxtase de ver o seu ventilador voltar ao normal, a ouvir-me.

Veze em quando, interrompia o meu relato, para fazer alguma indagação, escrever alguma coisa num pequeno caderno, em seguida voltava a prestar atenção no que eu falava.

Falei muito de mim, de como conheci Helena e do meu estado emocional nos últimos meses.

O meu analista deixou de lado as indagações pontuais e as anotações pertinentes naquele caderno, e o que era praticamente um monólogo tornou-se um dialogo aberto. - Eu não quero ser só um grande amor na vida da Helena, Doutor! - E o que você quer ser afinal, meu jovem? - Um homem de verdade para ela. - Mas já na o é? Vocês já não transaram? O rosto de Helena perdeu para a cor vermelha, o tom moreno da sua pele dourada.

Eu olhei para ela com uma pergunta expressa nos meus olhos “O que eu respondo?”

A resposta veio a galope e conclusiva. - Mas é claro que vocês já transaram...

Helena, as suas mãos sobre a sua barriga, colocadas de forma tão delicada, protetora, me mostra isso claramente.

Eu não entendi o que o Doutor Dorival quis dizer, mas Helena com certeza sim, pois ficou ainda mais vermelha.

E ele não parou aí... - Bom Celso... Chegara a hora dele colocar diante de nós o seu diagnóstico.

Eu estava com as minhas mãos perdidas entre as mãos de Helena e os meus olhos fixos nos olhos do meu algoz.

Naquele momento era assim que eu o via. -...Vou tomar como base do meu parecer, o fato de você vir tentando nos últimos meses encontrar um bom emprego, e sempre na hora do teste de qualificação, você ficar agitado, com sudorese e assim não conseguir sucesso e a vaga lhe escapar das mãos. Interrompi-o para perguntar:

- Por que isto acontece Doutor?

- Celso, a verdade é que você está forçando a sua saída da adolescência em be

nefício de alguém que já está na fase adulta.

Obviamente esse alguém, precisa ter ao seu lado, um homem que responda de imediato às suas necessidades enquanto pessoa e enquanto mulher.

Enquanto mulher, eu já percebi que você atendeu aos anseios de Helena, mas enquanto pessoa não!

Embora ela não te cobre isso, pois sabe que você é um Ser, construindo o seu futuro, sem condições de construir o dela. Estou Certo dona Helena? Helena concordou. Acenando positivamente a cabeça, que de tão baixa deu-me a impressão dela querer esconder-se.

Eu voltei a perguntar: - O senhor quer dizer que eu devo... Minha pergunta foi atropelada pela pronta resposta do Doutor Dorival:

- Sim, você deve nesse momento, pensar, para o seu bem, que embora muito bonito, o seu amor, ou melhor, o amor de vocês, está prejudicando um ao outro e sem dúvida nenhuma, digo, prejudicando muito mais a você!

Eu olhei para Helena e não vi o seu rosto, meus olhos estavam marejados. Foi ela que perguntou:

- O que devemos fazer Doutor?

Enquanto o ventilador ia e vinha espargindo tecks pela sala, ele respondeu:

-Helena você já é uma mulher formada e a vida não pode mais ser uma aventura romântica para você.

A sua realidade é outra e o seu tempo, corre contra você.

Você tem ideia do peso de cada fracasso que o Celso acumular nesse processo de auto-afirmação perante você?

Helena não vacilou: - Tenho!

-Pois bem; manter esse relacionamento vai ser prejudicial demais à vida dele e sabemos que já mudou a sua.

Eu respirei fundo e o interrompi... - Então a solução é a nossa separação?

- Neste momento meu rapaz, você precisa pensar somente em você, não tenha medo de ser egoísta.

Quando você conseguir resolver os seus problemas ai sim estará na hora e você terá condições de resolver os problemas dos outros.

E o seu problema agora é se preparar naturalmente, sem violação da sua fase adolescente; o seu Ser, para entrar na etapa adulta da sua vida.

-Sem Helena doutor?

-Sim, sem o que a Helena representa, ou seja, sem esse sentimento que você está vivendo agora; é necessário!

Eu e Helena nos levantamos e tomamos a direção da porta do consultório.

O doutor Dorival não tinha mais nada para nos dizer, já tinha até fechado o seu caderno.

Caminhamos rumo à saída do Instituto.

Andamos em silêncio até a entrada do edifício onde Helena morava, alguns quarteirões depois.

Eu estava me sentindo mal e me limitei a ficar ouvindo as palavras de Helena.

- “Celso, não temos outra opção. Sabemos disso, agora sabemos muito mais e precisamos encarar esta verdade. Eu não posso atrapalhar o seu futuro e preciso cuidar do meu. Eu vou torcer por você sempre.

Eu nunca vou te esquecer e vou levar você comigo.

Olha, a melhor coisa do mundo que você poderia me dar, você me deu e eu sou grata a você por isto.

“Não precisamos dizer adeus um para o outro, mas precisamos seguir com nossas vidas.”

Lentamente ela foi soltando suas mãos das minhas.

Eu fiquei ali parado em frente à porta de acesso ao hall, a vendo seguir pelo corredor até chegar ao elevador, entrar nele e sumir...da minha vista.

Eu fiquei dois dias sem sair de casa, acamado por uma febre temporã.

Quando pude sair, corri ao edifício de Helena. O porteiro depois de me dizer que ela não morava mais ali, havia se mudado no sábado pela manhã, entregou-me um papel com um bilhete, nele escrito. “Celso, estou indo embora. Seja feliz, meus lindos olhos verdes. Eu estou feliz, acredite! Levo você comigo, para sempre!”

Eu quis voltar para a cama e morrer febril!

Coloquei aquele bilhete na boca, mastiguei-o com raiva e o engoli a seco.

Eu precisava também, levar algo dela comigo. Mesmo que não fosse...para sempre!

CALEDONHA

Micro conto

Eu volto todos os dias para Ubanto!

Como se voltasse para Caledonha, onde nunca estive,
mas sei!

Ser lá, o lugar onde a felicidade jamais existiu.

Surgindo por força disso a ideia de se repensar a
existência humana num novo local, desta vez
denominado-o Paraíso.

Quando vou deixar Caledonha, quando?

PALAGIDA

Micro conto

Palagida estava, o que não acontecia a muito tempo, vazia!

Todos os seus sentimentos, principalmente os mais íntimos, tal como a lava de vulcão, petrificaram-se.

Estava como um lago poluído a desprender-se de qualquer forma de vida ali existente.

Palagida na sua inexistência humana, apenas aguardava o fim da sua sina em cena.

BUUUUUMMMMMMM

“Inspirado por, e dedicado a alguns cães que habitam o meu universo”

Por volta das 14 horas, Bilau começa a mostrar sinais de inquietações com os fogos de fim de ano.

Ao contrario da sua companheira Xana, que se limitava a andar pelo corredor, Bilau chorava e queria sair dali e ir para frente da casa, para a varanda, onde seus donos se encontravam naquele momento. O tempo avançou rápido, por volta das 23:30 horas, Bilau estava insuportável.

Não adiantava pedir para ele ir para a sua casinha, ampla, fresca, e protegida do sol, da chuva, aonde o barulho dos fogos chegariam com menos intensidade. Foi ai que o seu dono teve a ideia de colocar ele e Xana na casinha, fechando-a com algumas tábuas e madeiras existentes na casa.

Não demorou mais que 15 minutos, para que Bilau rompesse aquela barreira, e ganhasse o quintal novamente, voltando ao corredor, e ali ficar chorando ao lado da Xana, olhando para a varanda.

Seu dono então decidiu por fim de uma vez por todas aquela situação, pegou o bujão de gás que estava estocado na área reservada aos bujões, e que não estava conectado ao fogão, e o levou para a porta da casinha.

Fez Bilau e Xana entrarem novamente na casinha, e para completar o serviço, colocou a carcaça de uma tábua de passar roupa com a parte metálica para dentro, e a parte dos pés para fora.

Bilau começou a tentar romper aquela barreira, mas não conseguiu...

A passagem de ano chegou, e neste momento, Seu Marcos, dono de Bilau e Xana, já estava deitado ao lado de Dona Etelvina, sua companheira, pois sua ideia era ver os fogos do Rio de Janeiro e demais localidades do Brasil, pela televisão... (...)

Bilau não se dava por vencido diante daquela barreira, e inconformado batia com sua pata sequencialmente na parte superior do bujão. Batia com força, querendo tirar da sua frente aquela peça que bloqueava a entrada da casinha. Ele batia sem parar, exatamente em cima da válvula de retenção do gás.

Tshiiiiiiii, tshiiiiiiii, tshiiiiiiii, tshiiiiiiii, tshiiiiiiii,
tshiiiiiiii, tshiiiiiiii, tshiiiiiiii, tshiiiiiiii, tshiiiiiiii
Xana, que até então estava calma dentro da casinha,
incomodada com aquele tshiiiiiiii , tshiiiiiiii, tshiiiiiiii,
levanta-se e se mete por baixo da parte metálica da
tábua de passar roupa.

Ao ser levantado, e no momento seguinte liberada
com a passagem do corpo da Xana, por baixo de si,
essa parte metálica, cai violentamente, e ao chegar ao
piso da casinha, provoca uma faísca que... (...)

BUMMMMMMM

Aquele barulho, misturado à explosão de luzes e cores
que vinham do foguetório que se seguiu à passagem
do ano de 2015 para 2016, encantou seu Marcos, que
comentou com dona Etelvina: - Caramba, os fogos
estão bastante fortes este ano hem, nem parece que
tem crise no País!

E dona Etelvina, que já estava entrando em sono
profundo, pois não parara um minuto durante o dia,
murmura, pensando que seu marido, falava do seu
hábito de soltar puns, antes de pegar firme no sono,
murmura:

- Não fui eu não!

Seu Marcos, da um sacolejo na mulher, e fala:

- 2016 chegou muié, vamos comer, vamos comemorar, acordaaaaaaa trem!

E lá foram os dois para a cozinha, onde uma mesa farta os esperava.

Comeram, beberam, e voltaram para a cama...

Naquele momento nem seu Marcos pensava na Xana, e nem dona Etelvina pensava no Bilau.

Eles queriam mesmo era dormir. (...)

Seu Marcos acordou cedo, pegou sua bicicleta, e foi até o mercado comprar pão.

Ele não dispensava um pãozinho francês no café da manhã.

Seus ouvidos logo começaram a captar umas conversas, meio estranhas para aquela manhã de ano novo:

- Caramba, você ouvirão a explosão de ontem a noite?

- Nem me fala, e aquele cogumelo que se formou? -

Aquilo que era foguete!

Seu Marcos pagou pelos pães, pegou sua bicicleta, e chegou à sua casa. Entrou, foi ao quarto acordar dona Etelvina, e...

É, aquele era um ano que começava com muito trabalho para o seu Marcos e Dona Etelvina.

- E cachorrada doida, Feliz ano novo para vocês também!

“Não existem obstáculos, quando você está decidido a sobreviver aos maus momentos, e transforma-los em novos caminhos (CCF)”





O TREM E A URNA

"O trem já apitava, antes mesmo de chegar a estação e ele, carrancudo continuava pensando na velha carruagem que antes fazia a ligação entre a localidade onde ele se encontrava e o vilarejo próximo."

Seu temor quanto a entrar naquela recente novidade, trazendo o progresso para a sua pequena cidade, nunca o permitira ir além daquela plataforma onde seus pés fincados em outra época viam o tempo passar.

Mas, naquela manhã, ele acordara disposto a embarcar naquele trem, e ir nele sem medo até onde pudesse ir, para mudar o rumo da sua história.

Chegara à conclusão que estava na hora de colocar sua vida nos trilhos.

Entregou seu bilhete de viagem ao encarregado da estação e sentou-se próximo a larga janela.

Não demorou para a locomotiva dar o sinal de partida, apitando com mais intensidade.

Com o deslocamento dos vagões a paisagem começou a passar pela janela, de forma rápida, porém, em velocidade suficiente para que aquele cenário ocupasse espaço na mente daquele viajante, deixando surgir nos seus olhos, revelando em sua face um sorriso de felicidade.

(...)

- Já votou senhor?

Perguntou-lhe o mesário, que viera até a urna ao perceber que ele estava demorando no seu processo de escolha de candidatos.

Retirado do seu encantamento, ele respondeu ao servidor eleitoral, de forma claudicante.

- Sim...sim, já votei!

Ele retirou-se da cabine, caminhou devagar até a saída da sala e passou lentamente entre os eleitores daquela e de outras sessões que aguardavam em fila, a sua vez de votar.

Enquanto caminhava, falava para si...

- Hoje valorizei a democracia ao votar no futuro de todos e não no passado de alguns.

No homem que toma partido, e não no partido que corrompe o homem.

Na ideia de mudança necessária e não no conceito da continuidade partidária.

Hoje, Eu votei pela alternância do poder e não pela perpetuação do poderoso!

Foto usada: Encontrada no Blogspot de Ana Veet
Maya

O NATAL TEM SEUS MILAGRES

O barulho se fez ouvir; lá no fundo, onde eu estava... Eu tinha acabado de entrar em casa, chegando para almoçar.

Vi, meu filho Caio, no topo de uma escada, junto ao muro.

Ele olhava em direção ao quintal do vizinho. Menino curioso... Pensei!

O estrondo foi logo após eu cumprimentar Solange (minha mulher) e lhe perguntar pelo nosso outro filho, o Cássio.

O fato nos levou para a área de serviço da nossa casa, onde o Caio, ainda no topo da escada, ao nos ver, gritou...

- Pai, Mãe, o Cássio caiu do telhado.

Tudo passou a fazer sentido para nós, corri em direção ao que me apontava para um desfecho de...

A nossa vizinha, já estava com o seu portão aberto, o que facilitou a minha rápida entrada naquele cenário onde o telhado não resistira ao peso do meu filho de nove anos.

E eu o avistei... Lá estava ele, lívido.

Seu rosto era uma folha virgem de papel, onde podia ser lido:

-Pai, eu só queria pegar a minha bola!

Ao redor dele, pedaços de telhas ao chão, sobre a máquina de lavar, sobre o tanque.

A bola perdera para ele todo o seu encanto.

Era um mundo que não girava mais.

Abracei-o com toda a extensão dos meus braços.

Apalpei-o todo, em busca de alguma fratura.

Certifiquei-me de que não havia nele nenhum ferimento além daquela pequena escoriação nas suas costas e aquele enorme abalo no seu orgulho. Levei-o de volta para casa.

Um banho para acalmar o seu coraçãozinho e o quarto para algumas horas...

Não, não o coloquei de castigo, apenas pedi que ele usasse aquele tempo para refletir sobre o acontecido, agradecer ao seu anjinho da guarda e principalmente a Deus, por nada de ruim ter lhe acontecido naquela tarde.

Ele entendeu, quando precisei sair para voltar ao trabalho, dei-lhe um demorado beijo e lhe falei:

- Filho, você acabou de viver o seu primeiro milagre... E no Natal filho!

Toma muito cuidado daqui para frente viu.

Você não é importante só para nós.

Mas precisa se cuidar e não se arriscar a toa.

Ele sorriu e disse, segurando as minhas mãos:

- Obrigado Pai!

Eu lhe respondi...

(HOW, HOW, HOW)

Esta expressão veio forte a minha cabeça.

Pensei até em repeti-la, mas acabei agradecido;

olhando pra além da cama onde meu filho naquele momento dormia parecendo um anjo, nos braços da sua mãe, dizendo:

- Te agradeço também meu Pai!

-

3º Capítulo - TECOS DA VIDA

O ENCONTRO

Por muito pouco, eu não vivo a década de 70. Segundo meu avô, que por muitos anos desempenhou e muito bem o papel de meu pai, aquela chuva torrencial que caía sobre o Rio de Janeiro ao final do ano de 1969 tinha uma razão:

Aquele estranho objeto em forma de dedal que pousara no dia 20/07/1969 às 23:56h na lua, a Apolo 11.

Santa Tereza, o bairro dos bondinhos, dos prédios coloniais e das ruas de paralelepípedos não resistiu à constância das águas que caíam do céu naqueles dias. Suas ruas de artistas, boêmios, malandros e pessoas comuns transformaram-se num amontoado de pedras sextavadas ao longo do bairro e no leito da Rua Riachuelo.

Eu tentava atravessar aquele rio que se formara na esquina dessa avenida com a Rua Tadeu Kosciusko.

Meu pé esquerdo perdeu o chão e eu me vi afundando naquela água suja.

Com o desprendimento da tampa do bueiro, que virou folha na enxurrada, um redemoinho se formou disposto a me levar para dentro daquele vagalhão.

Decidido a não deixar meus 15 anos escoarem por aquele buraco, joguei todo o peso do meu corpo sobre a minha perna direita.

Com ela flexionada dei o impulso que me projetou para cima e tirou minha perna esquerda daquela boca sedenta.

Comecei a dar braçadas e só parei quando consegui alcançar um desses canos de sustentação de placas de trânsito.

Coloquei-me de pé e assim sobrevivi para chegar inteiro à década de 70.

A Rua Tadeu Kosciusko era a minha rua preferida.

Nela eu me encontrava com os meus amigos no começo de noite das sextas-feiras.

Ficávamos a conversar e a compartilhar aventuras e travessuras vivendo momentos de paqueras e conversa fiada pela noite afora.

Com o dia amanhecendo aos sábados, esperávamos o leiteiro colocar os litros de leite na porta dos prédios, pegávamos alguns deles e enchíamos a cara de leite fresquinho.

Com a feira sendo montada, nos fartávamos de frutas doadas pelos feirantes, muitos deles amigos dos pais dos meus amigos.

Depois íamos para casa, felizes e à noite estávamos juntos novamente.

No domingo, praia pela manhã com pelada no aterro, Maracanã à tarde e lero-lero à noite até por volta das 23:00 h.

Durante a semana era difícil nos encontrarmos, mas se a oportunidade aparecia lá estávamos nós no nosso tradicional ponto de encontro, uma estratégica amurada que protegia a janela envidraçada de uma empresa de ferramentas industriais.

Dali, dominávamos a Tadeu Kosciusko e a Rua do Resende.

Aquela era a nossa esquina! Num desses finais de semana exagerei na dose. Saí de casa na sexta-feira à noite e só voltei na manhã de segunda-feira.

Assim mesmo, por ação da minha mãe que apareceu lá na rua e exerceu o seu papel de forma a não deixar dúvidas de que eu tinha uma.

Foi só entrar no apartamento que ela veio para cima de mim, sem dó:

- Se você pensa que já é homem e que pode ficar três dias fora de casa sem se lembrar que tem um lar, pode pegar suas coisas agora e tomar seu rumo.

Amanhã vou trocar a fechadura da porta para me garantir que você não vai ter como entrar, caso se lembre da sua casa.

Melhor seria ela ter me moído na pancada.

Ela me pegou mesmo foi pela consciência.

E mais uma vez, eu tive que me agarrar a um poste que a sorte estava me oferecendo.

Continuei em casa.

Por mais que a coisa ali não fosse muito favorável, pois entre mim e minha mãe havia um homem que nunca seria meu pai, pois para tal tarefa ele não fazia nenhum esforço.

Apesar do meu padrasto, ali ainda era melhor que a vida lá fora. Pelo menos enquanto eu tivesse só 15 anos.

Eu sabia que além da minha esquina de encontro, o mundo era coisa séria e a vida não era brincadeira. E nesta etapa da minha vida, o que valia para mim era gostar dos Beatles e dos Rolling Stones, de samba, dos amigos, da praia e do Flamengo.

E principalmente de namorar...

Depois de três semanas sem sair de casa, a não ser para ir ao colégio, fiz um acordo com a minha mãe: não ficaria mais de 24 horas sem me comunicar com ela e mais de 48 horas sem voltar para casa; e que ela sempre saberia do meu paradeiro.

Ela aceitou e eu voltei a me encontrar com os meus amigos aos finais de semana.

Em março de 1970 um início de mudança começou a se fazer na minha vida.

Eu começo a trabalhar (naquele tempo podia!) como ajudante de escritório numa empresa na Rua Carlos Sampaio, pertinho de casa.

A empresa fabricava e vendia parafusos.

Se em abril de 1970 fiquei triste com o anúncio de Paul McCartney de que os Beatles iriam acabar, me esbaldei com o Brasil tri-campeão mundial no México em 21/06/1970.

E foi na mistura do som das metralhadoras que vinham do Vietnã com os acordes das guitarras pegando fogo em Woodstock, com o ufanismo do “Pra Frente Brasil” que a trilha sonora de 1970 foi construída.

E neste “remember” o certo é que “Naquela mesa” ou numa “Casa no Campo”, observando os “DETALHES”, eu conheceria “Helena” e no “Universo do seu corpo” a “Bandeira branca” da Paz me levaria a descobrir que “A AMADA AMANTE” “Foi um rio que passou em minha vida”. Minha amiga “Madalena” me consolaria dizendo: “Amigo é para essas coisas”.

Eu decidi na passagem dos meus 15 para os 16 anos, mudar.

Decidi promover uma revolução pessoal.

E a primeira atitude em direção a esta nova etapa de vida, configurou-se pelo corte dos meus longos cabelos.

Entrei na barbearia, sentei-me determinando e ordenei ao barbeiro:

- Raspa tudo!

Ele obedeceu com muito gosto, até sorria!

E o menino de cabelos mais longos do bairro, virou o Kojak.

Cheguei ao apartamento e depois de tomar banho, fui para a janela e fiquei a olhar, ora para o prédio que havia em frente ao que eu estava, ora para as instalações do hospital dos acidentados, ao lado, onde o que se via, muitas vezes, era a visão da dor e do sofrimento de crianças e adultos mutilados.

E foi na janela daquele prédio que eu a vi pela primeira vez.

Eu estava no sétimo andar e ela numa das janelas do quarto andar.

Ela num gesto de espanto levou sua mão direita à boca, querendo reprimir um “Oh!” de surpresa ao ver a minha cabeça lisa como a bunda de um bebê. Ri da cena de susto esboçada por ela.

O seu “Oh!” chegou muito claro aos meus ouvidos.

Eu então me detive a olhar para aquela morena que também estava a me olhar.

Mas nossos olhares não ficaram assim por muito tempo.

Ela começou a se afastar sem tirar os olhos de mim.

Foi se afastando para dentro do seu apartamento, até sumir da minha vista.

Por outro lado, entrou nela para sempre.

Eu acabara de encontrar o meu primeiro e grande amor.

Conhecê-la passou a ser o maior objetivo da minha vida.

E o dela, qual seria?

PRÓXIMO CAPÍTULO:

FIM E COMEÇO DE UM SONHO (Sinopse)

No seu modo de ver as coisas, para alguns formadores de opinião, a década de 70 era o começo da era do individualismo.

E estavam certo, pois cada um queria revolucionar o mundo ao seu jeito.

O Brasil e o resto do mundo viviam tempos de emoções intensas e diferentes em todos os campos.

Eu não era um tolo, sabia o peso do regime que trazia o Brasil no cabresto.

O mundo vivia um processo de guerras onde jovens morriam longe do seu chão.

A intolerância avançava de todos os lados, da direita e da esquerda, promovendo barbáries tipo o “Massacre de Munique (set./72)” e o violento golpe militar no Chile(set./73).

Mas era tempo também de Emerson Fittipaldi, nosso primeiro Campeão mundial de Fórmula 1 (set./72); dos hippies, tempo de acordo de PAZ no Vietnã (jan./73)...

Tempo de acordar, pois o meu sonho tinha chegado ao ...

FIM

CAMISA PRETA

Leandro, um rapaz no começo da sua jornada pela busca de uma melhor condição de vida, imaginava ter sido contemplado pela sorte.

No fundo do seu coração, acreditava até naquele milagre preconizado pelo pastor da congregação evangélica que freqüentava no seu bairro, lá no fundão da Praia Grande onde morava com sua Família constituída por sua mãe e uma irmã com diagnóstico de deficiência mental.

Sua mãe era o pilar de sustentação daquela casa humilde, que já fora um barraco, mas ainda com sérios problemas estruturais.

Seu parco salário de faxineira num prédio de luxo no bairro militar era o suporte financeiro que nunca conseguia bater com as reais despesas da casa.

Por isso ela se desdobrava em serviços extras em qualquer canto da cidade.

Leandro, cercado pela miséria, pelo abandono social, sentia na pele essas necessidades da Família.

As suas começavam a configurar-se no desejo de ter coisas materiais como: Uma vestimenta da moda, um som da hora.

Internet na rotina de Leandro só quando sua mãe lhe dava uma moeda de real que lhe permitia ir à Lan mais próxima da sua casa e lá acessar os sites nos quais esquecia a vala fétida que se estendia ao longo da sua rua, passando bem a frente do seu portão.

-Deus está preparando uma coisa boa para a sua vida.

O olhar do Pastor era todo para si e ele instintivamente apertou a mão da sua mãe que estava sentada ao seu lado,

Como era de costume nos dias de culto.

Foi lembrando das palavras do pastor que Leandro cruzou a porta de entrada daquela empresa de departamentos, que lhe chamara para ocupar uma vaga existente na loja de calçados.

Quantas vezes já não tinham passado por ali, parado diante das vitrines e sonhado com cada peça que dentro daquele aquário aticava o seu inexistente poder de consumo.

Quantas vezes não ficara olhando aqueles jovens assim como ele, todos ocupados nas suas funções. Leandro foi direcionado ao setor de recrutamento e lá depois de preencher e assinar alguns papéis recebeu uma camiseta preta e neste momento lhe disseram solenemente.

- Depois da capacitação você irá para a loja e lá irá trabalhar com esta camiseta.

Quando efetivado, recebera a nossa camiseta pólo. Ele pegou aquela camiseta como quem ergue um troféu na final de um disputado campeonato em qualquer modalidade esportiva.

Naquele momento, Leandro se considerava um vencedor na sua disputa dentro da modalidade “sobrevivência”.

No segundo dia após o recebimento da camiseta preta, ele desceu a loja onde foi saudado por aqueles que viam nele mais um companheiro e ignorado por aqueles que viam na sua pessoa, mais um para repartir o “bolo”.

Leandro só entendeu o significado da expressão “Bolo” que sempre ouvia desse ou daquele companheiro, quando foi ao final da sua primeira

semana de trabalho, receber o valor de comissão que lhe cabia pelas vendas efetuadas.

Rapaz esperto, simpático e, sobretudo educado, Leandro não teve dificuldade nenhuma em vender naquele período Cinco pares de tênis e hum sapato social.

Vendas correspondentes a R\$ 625,00.

O gerente da loja entregou a Leandro R\$ 12,50.

Ele não entendeu aquela situação.

Ficou ali parado com aquelas 12 notas de R\$ 1,00 e uma moeda de cinqüenta centavos na sua mão direita...

-Algum problema Leandro?

Perguntou-lhe Roberto, o gerente!

-Só isto?

Conseguiu balbuciar Leandro.

A resposta de Roberto foi imediata.

- Sim, você recebe 1 Real a cada R\$50,00 e 0,50 CTS a cada R\$ 25,00 de venda confirmada.

-Mas! Exclamou Leandro com uma acentuada palidez no seu imberbe rosto. Não teve nem tempo de concluir o que pretendia. Roberto o atropelou... -

-Não lhe explicaram Leandro na capacitação que era assim a nossa forma de pagamento?

Se lhe haviam explicado, Leandro nem se lembrava mais. Naquele momento tudo o que sentia era cansaço pela semana intensa e desilusão pelo pouco valor recebido.

Estava na porta para ir embora quando Roberto lhe chamou para perguntar.

- Você vem amanhã?

Na manhã seguinte Leandro lá estava. No seu interior, no entanto, um aperto o consumia desde aquele dia quando descobrira que todo o seu empenho no serviço valia no máximo R\$1,00. Deu-se então conta que estava ali sem registro de experiência e que os documentos que assinara não passavam de aceite as normas de condutas internas da empresa. Não lhe cabia exigir vale transporte, alimentação... Nada! Pensava na sua mãe que aguardava dele um valor que os aliviaria nas despesas penduradas e naquelas do mês que estavam já vencidas.

Leandro constrangido revelou a sua mãe o que estava acontecendo e lhe informou que seria muito difícil ele ajudá-la como ela merecia e precisava.

Ela, sem nada poder fazer disse ao seu angustiado filho:

- Confia em Deus Leandro!

Dona Carmem, mãe de Leandro era uma pessoa de pouco conhecimento e não sabia nada da escravidão moderna disfarçada de oferta de emprego a engordar as estatísticas que buscam refletir um paraíso econômico aqui e no resto do País.

Ela mesma nem se lembrava mais quando deixara de ter registro na sua carteira profissional.

Agora era diarista e vivia de bicos.

Como era pessoa de confiança, nunca lhe faltava serviço.

Assim como nunca lhe faltou fé para ver em Deus a fonte de solução para a sua vida que já se encontrava na ponta do funil existencial e para a vida dos seus filhos, que estavam entrando na boca desse mesmo funil.

Ao final de 1 mês de muito trabalho, Leandro recebeu R\$ 93,75.

Para receber esse valor ele vendeu um montante de R\$ 4.687,50.

Tentou questionar a empresa sobre esses valores, mas nenhum argumento seu foi aceito.

Contrariados com o comportamento de Leandro, a ele deram uma sutil advertência.

- Se você não tem interesse em vestir no futuro a nossa Polo, avise-nos!

Lá fora tem muitos querendo uma oportunidade assim.

Leandro esforçava-se para segurar a onda, decidiu seguir em frente daquele jeito mesmo.

Quem sabe no futuro passaria a usar uma camisa pólo e mudar a sua condição temporal.

Numa tarde dessas manhãs de chuva continua, Leandro foi advertido pelo estado do seu sapato, não compatível com o status da loja.

No sapato de Leandro o barro da periferia estava incomodando muito, o zeloso gerente Roberto.

-Assim você não vai durar muito aqui.

Leandro inconformado com a repreensão em público, tirou o seu crachá e o jogou na direção do seu agressor verbal.

Na seqüência, tomou a direção da porta da loja.

- Volta aqui seu moleque!

Vociferou o gerente.

Leandro nem lhe deu ouvidos e continuou o seu caminho.

Roberto correu em direção a Leandro, tomou-lhe a frente, segurou-o pelo braço e disse para toda loja ouvir.

- Você está demitido.

Leandro não pensou para responder:

-Vai se fuder babaca.

Você e essa empresa de merda exploradora do trabalho alheio.

Leandro desvencilhou-se do pegajoso Roberto e foi embora daquela casa de escravos modernos. Nos dias seguintes, ele estava de novo na parte central de Praia Grande, procurando emprego.

Batendo em várias portas, disposto a aceitar o que lhe oferecessem, mas sem humilhação e de preferência com o devido registro em carteira.

Mas não conseguia!

Na sua busca a predição do seu pastor sempre lhe vinha à mente.

Foi então que naquela tarde, já voltando para casa na sua bicicleta ele avistou saindo de uma agência bancária, uma senhora que dedicava enorme cuidado a sua bolsa, que trazia pendurada ao ombro.

Foi tudo muito rápido.

Leandro passou da via para a calçada sem nenhuma dificuldade, pois não havia o rebaixamento da guia.

O leito da rua e a calçada estavam no mesmo patamar.

Ele então pedalou forte em direção a senhora e com um bote preciso, arrebatou-lhe a bolsa.

Enquanto a senhora assustada, ia ao chão e lá ficou inerte.

Leandro atravessou a Avenida Costa e Silva nos seus dois sentidos e entrou na rua seguinte pela contra mão.

Os gritos de “pega ladrão” foram ficando cada vez mais distantes na medida em que ele ia pegando os sentidos contrários das ruas até chegar ao marco divisório do luxo e do lixo.

Cruzou a passagem sob a rodovia e já nos seus domínios pode chegar a sua casa sem maiores problemas.

Como não tinha ninguém em casa, pode abrir a bolsa da senhora e lá encontrar R\$ 1.500,00.

Valor que determinou uma enorme mudança na vida de Leandro.

O Rapaz esperto, Simpático e, sobretudo educado, transformou-se num outro “ser”.

Com o codinome de BLACK T-SHIRT, não demorou a ganhar fama e tornar-se conhecido.

Apavorou a cidade da orla até os becos infectos dos fundões pobres dos bairros periféricos.

Sua especialidade era assaltar lojas.

Onde quer que elas estivessem e sempre de camiseta preta. Assim seguiu a vida de Black t-Shirt até que um dia no curso de um assalto, no momento no qual o cão da sua arma bateu na bateu na espoleta

vencida e pipocou, não detonando a bala que tinha o seu alvo já definido a sua frente.

Esse vacilo permitiu ao policial uma reação imediata. Da sua arma recém adquirida pelo sistema e que lhe fora entregue em confiança, partiu o projétil que acertou o peito de Black t-shirt e o coração do ainda jovem Leandro.

Não demorou para que alguém providenciasse um lençol, quatro velas e uma oração que ecoou muda pelo silêncio da avenida onde o corpo sem vida do rapaz da camisa preta aguardava o rabeção.

- VÁ PARA O DIABO! Disse alguém, que depois continuou o seu caminho pela avenida, segurando firme a sua bolsa pendurada no seu ombro. Nem sempre vamos para o inferno por méritos próprios. Nem sempre chegamos ao céu por determinação de alguém. Só uma coisa é certa! Independente de como: Deus ou o Diabo irão nos receber de braços abertos nos seus domínios. Eu, não acredito que Leandro esteja no inferno
O inferno Dele era aqui.

FIM

O PROTEGIDO

Gregório não conseguia dormir.

Aquela estava sendo uma noite terrível.

Outras noites numa escala menor de pensamento também tinha lhe tirado o sono, mas dessa vez ele não estava bem.

Sua mente era um burburinho de ponderamentos sobre os últimos acontecimentos.

Por imperativo da sua condição de segurança pessoal, o seu instinto de proteção sempre atento lhe causava vez ou outra dores de cabeça, mas nada preocupante como as dores dessa noite, que ainda estava na sua metade.

Gregório era responsável pela segurança do homem mais controverso do País, e no contexto das suas obrigações, aquele homem era seu Protegido, porém! A proximidade lhe impôs um sentimento de amizade por aquela carismática figura.

Seu Protegido estava a um passo de ser preso pela justiça, e essa possibilidade era angustiante para ambos.

Essa prisão ainda não tinha acontecido pelo poder de articulação do seu Protegido junto aos seus julgadores.

A sobrevida que esses davam a ele lhe permitia avançar mais um passo rumo ao que ele julgava ser a sua salvação, voltar a ser Presidente do Brasil.

E esse conhecedor dos subterrâneos do poder não podia perder tempo.

Por isso estavam todos naquela caravana pelo País, começada pelo Rio Grande do Sul.

Por essa razão agora estavam ali na cidade de Macieira, pernoitando.

A caravana estava num momento difícil, pois sua passagem por diversas cidades resultaram em muitos protestos dos moradores locais quanto a presença ali do seu Protegido.

O objetivo da caravana estava prejudicado, e o que era para ser uma viagem tranquila se transforma num insano trabalho para desviar-se dos bloqueios e chegar nos centros urbanos das cidades e ali ser recebido por chuva de ovos, tomates, pedras...e estrume.

Assim que chegaram em Macieira, uma reunião do comando da caravana foi realizada...

Nós precisamos fazer alguma coisa para deter essas manifestações contra a gente, que estão ganhando corpo a cada dia, e ocupando espaço demais na mídia...Esbravejou o Protegido.

Mas é só no Face e algumas redes Presidente...

A grande mídia e a nossa mídia estão conseguindo denunciar as ações desses fascistas...

Não é bem assim não, eu sinto que isso vai crescer, imagina quando chegar na Bahia...Vão jogar coco na gente! E no Rio, granadas?

Tenha calma Presidente, vamos dar um jeito...

O comando da caravana sabia que precisavam gerar algo que provocasse uma comoção nacional a favor do protegido...

Eu sei como fazer isso...Disse um militante, balançando entre os seus dedos um miguelito.

Primeiro preciso que vocês dispensem a escolta que está sendo feita pelo Estado.

No dia seguinte, de novo na estrada, mas dessa vez sem escolta, o ônibus parou num ponto ermo do trajeto, escolhido por parecer bem apropriado.

O militante desceu, caminhou em linha reta na frente do ônibus e no sentido das rodas.

Deixou o miguelito no chão, retornou ao ônibus, entrou, e o ônibus rodou.

Mais a frente pararam de novo, e constataram que o miguelito tinha de fato furado um dos pneu do ônibus. Agora era colocar em prática a parte final da ideia. A notícia de que a comitiva do Protegido havia sofrido um atentado varreu o País.

A informação era de que tiros haviam sido disparados contra a caravana e atingido um dos ônibus.

A reação foi imediata e o atentado de cara atribuído aos inimigos do protegido.

A grande imprensa saiu do imobilismo informativo, e estampou em suas primeiras páginas o atentado, e até quem até então estava em silêncio absoluto levou o assunto para o horário nobre do seu jornalismo.

Mas a estrada continuava ruim, pois ao tornar-se público, os especialistas oficiais e não oficiais começaram a opinar, cada um com sua opinião, sobre o acontecido.

apropriado.

O militante desceu, caminhou em linha reta na frente do ônibus e no sentido das rodas. Deixou o miguelito no chão, retornou ao ônibus, entrou, e o ônibus rodou. Mais a frente pararam de novo, e constataram que o miguelito tinha de fato furado um dos pneu do ônibus. Agora era colocar em prática a parte final da ideia. A notícia de que a comitiva do Protegido havia sofrido um atentado varreu o País. A informação era de que tiros haviam sido disparados contra a caravana e atingido um dos ônibus. A reação foi imediata e o atentado de cara atribuído aos inimigos do protegido. A grande imprensa saiu do imobilismo informativo, e estampou em suas primeiras páginas o atentado, e até quem até então estava em silêncio absoluto levou o assunto para o horário nobre so seu jornalismo. Mas a estrada continuava ruim, pois ao tornar-se público, os especialistas oficiais e não oficiais começaram a opinar sobre o acontecido, oficialmente e não oficialmente. As diferenças de tiros feitos em veículos em movimentos ou parados foram ressaltadas e a conclusão entre todos foi que os tiros foram dados com o ônibus parado e com o atirador muito próximo do veicu

As diferenças de tiros feitos em veículos em movimentos ou parados foram ressaltadas e a conclusão entre todos foi que os tiros foram dados com o ônibus parado e com o atirador muito próximo do veículo.

A teoria do vitimismo se multiplicou e as redes sociais se encarregaram de sepultar o conceito de atentado, tratando-o sim como um auto-atentado. Pela primeira vez, quando do desembarque em Abacaxisal, Gregório via depois da contrária repercussão nacional e do consenso que o atentado fora um fogo amigo, o seu protegido e amigo se sentindo acuado.

Existia naquele rosto algo novo, o medo.

Gregório o seguiu carregando sua mala e bagagem de mão rumo ao quarto onde ele passaria aquela noite.

Chegando a porta do quarto, antes de entrar ele lhe disse:

Acho que agora me lasquei de vez companheiro

Gregório...

Que isso Presidente, o senhor é maior que tudo isso...

Ele entrou, e Gregório ficou ali no corredor diante da porta do seu Protegido por alguns segundos. Gregório tinha em si a certeza de que aquele homem, cuja caminhada de vida sempre navegou entre o certo e o errado, o justo e o injusto, o bem feito e o mal feito, estava agora com sua história indo para a lata do lixo, tornando mais forte o sentimento daqueles que o consideravam tão somente um ladrão e pilar da corrupção brasileira. O dia amanheceu, e o sol invadiu o quarto de Gregório que levantou-se, arrumou-se, e desceu ao hall, para retomar suas funções de chefe de segurança da caravana.

Mas, não tomou café... Ficou parado de pé, na varanda do Hotel, olhando para o descampado a sua frente, onde estavam estacionados os ônibus, carros e motos da comitiva.

Passava das 9 horas quando o Protegido chegou ao refeitório, acompanhado da equipe de filmagens, que registrava todos os movimentos dele, cada aceno dado, cada abraço, cada sorriso...

Pessoal, hoje vamos parar as filmagens um pouco por alguns instantes para a gente poder tomar um

um bom café, pois o dia hoje promete...

É isso aí Presidente...

Todos os equipamentos da produção, bolsas e outros materiais foram deixados sobre uma mesa colocada estrategicamente próxima a mesa do café, onde estava o Protegido aguardando sua equipe para o desejo.

O Protegido preparou o seu café, que tinha num prato próximo de si, uma fatia de presunto e um pão de queijo.

Ele levava a caneca a boca, quando Gregório aproximou-se.

O que foi companheiro Gregório...

Presidente, eu preciso salvar a sua história! Gregório sacou sua pistola e a queima roupa, disparou duas vezes contra o corpo do seu protegido.

O primeiro tiro foi no coração, e o segundo na cabeça...

O corpo do Protegido foi impulsionado para trás, desabando ao chão de forma estrondosa.

O pânico foi geral, e todos procuraram se abrigar...

Não era momento de querer entender o que acontecia, era hora de se proteger de novos tiros... Um silêncio dominava o local.

Aos poucos as pessoas foram se levantando.

Assustadas, não sabiam o que fazer diante de Gregório e do corpo do Protegido...

Gregório não esperou que alguém lhe fizesse qualquer pergunta.

Disse com a voz embargada, mas audível a todos.

A história do meu Presidente vive.

Em seguida, levantando sua mão, colocou a arma apontada para a sua frente, e disparou.

Seu corpo desabou inerte sobre o defunto que não precisaria mais a partir de então, da Proteção de ninguém.

FIM

CIDADÃO NÃO VACINADO

INDICAÇÃO 1

Para receber o atendimento, pessoas com mais de 60 anos precisarão passar por uma triagem antes da imunização, em casos de contraindicação da vacina.

INDICAÇÃO 2

De acordo com os especialistas médicos, todos os postos de vacinação deveriam ter um médico analisando os riscos e os benefícios de o idoso ser vacinado.

O posto de saúde ao qual o senhor Oslec se dirigiu para tomar a vacina contra a febre do momento, a amarela! Tinha esse médico, de plantão.

Ele Entrou, entregou o seu cartão de usuário daquele equipamento público, e foi encaminhado para uma sala, onde uma simpática enfermeira o atendeu.

Sentado a frente da Enfermeira Suzy, seu Oslec foi respondendo a triagem feita por ela.

Cerca de trinta perguntas feitas tipo:

O senhor é diabético?

o senhor tem alergia a ovo?

já teve alguma doença infecciosa?

Não, Não, Não, respondia calmamente seu Oslec a cada pergunta feita pela enfermeira Suzy.

Terminada a triagem, ela levantou-se e o avisou que iria até a sala do medico pegar a autorização.

Alguns poucos minutos depois ela voltou, seu Oslec confiante na sua excelente saúde, já estava com a manga da sua camisa levantada, pronto para a picada anti Aedes aegypti.

Senhor Oslec, o médico não autorizou o senhor a tomar a vacina.

Não autorizou!

Falou com certo espanto no rosto, e de imediato perguntou a enfermeira Suzy:

Mas por que não autorizou?

Ele é novo no posto, e disse que não conhece o senhor, e que assim é melhor não autorizar.

Mas, quem sabe se ele me ver, e conferir o meu estado físico com os dados da triagem ele pode mudar de ideia?

Não adianta seu Oslec, ele não autoriza. De manhã ele autorizou todo mundo, mas agora ele está difícil.

Percebendo o incomodo do senhor Oslec diante daquela situação, a enfermeira Suzy perguntou se ele não gostaria de aproveitar e já agendar um exame de sangue, e após alguns dias, de posse desse exame, ir no posto central e pedir a vacina, já que a campanha de vacinação naquele posto se encerraria naquela semana, mas que no posto central continuaria disponível.

Ele acabou aceitando, pois independente da questão da febre amarela, um exame na sua opinião, era sempre bom fazer, muito embora ele se sentisse muito bem do alto dos seus 63 anos.

Metade do mês já se passara, e seu Oslec sem o resultado do exame feito, e nesse contexto um cidadão não vacinado, precisou por força de necessidade profissional viajar para atendimento de algumas demandas pertinentes as suas atividades pessoais.

Foi tudo muito abrupto, ele estava na estrada, rumo ao Rio de Janeiro ...

No inicio sentiu-se febril, não era alta mas o incomodava, sentia seu pulso lento, sentia calafrios.

Sentia uma dor de cabeça desconfortável, mialgias que o dificultava dirigir, prostração, náuseas e uma vontade de vomitar.

Aquele suplício já lhe atormentava num crescendo a 3 dias.

Ele procurou socorro num vilarejo pelo qual passava, e um farmacêutico local lhe deu um coquetel de remédios e xá de folhas que lhe permitiu, seguindo o conselho desse farmaco, retornar a sua cidade, Praia Grande localizada no Litoral Sul de São Paulo.

Parou seu carro no estacionamento do prédio, e passou pela portaria, sem cumprimentar o porteiro Caio, efusivamente como sempre o fazia.

Entrou no seu apartamento, desfez suas malas, atirou-se na cama sob o peso dos sintomas que voltaram e com mais força, sentia-se intoxicado, sua febre fazia seu corpo arder, uma diarreia que não tinha fim, e o cheiro de vômito começava a impregnar-se nas paredes do seu quarto, aquela borra de café misturava-se ao liquido de suas fezes no fundo do vaso sanitário.

Sua pele apresentava sinais de icterícia, feridas hemorrágicas.

Sua prostração prendia suas pernas, adormecia suas mãos, e enrolava sua fala...

Seu Oslec, seu oslec, seu oslec

Quem gritava no corredor do prédio, diante do apartamento 2802, localizado no bairro do Boueirão, era o porteiro Caio, que desde o retorno do seu Oslec quatro dias antes, não o vira mais.

Seu Oslec, seu Oslec, seu Oslec

Neste momento o síndico chega ao mesmo ponto onde já estava o porteiro Caio.

Mas o síndico não estava só, ele trazia consigo dois policiais militares.

Foi tudo muito rápido.

De posse da chave reserva, o síndico abre a porta, e no mesmo pé que entra no apartamento, ele sai, horrorizado!

Caio e os policiais entram e lá dentro encontram o corpo do seu Oslec caído entre a cama e a porta do banheiro, já em estado de avançada putrefação...

Sobre o a cama, um bilhete escrito com letras tremulas, sobre um papel sujo de sangue e dejeção.

**"Custava ter autorizado, eu
tomar a vacina?"**

FIM

O FINADO E O PAVÃO

Nelson chegou ao cemitério da grande planície para o velório de um velho amigo.

Logo na entrada da sala avistou Pavão.

Eles andavam com algumas diferenças entre si, causadas por palavras soltas no vento.

Depois de prestar suas condolências a família do amigo falecido e ficar alguns minutos a olhar o semblante sereno dele no seu leito de morte, dirigiu-se para onde Pavão estava.

Chegando lá, espalmou sua mão direita no meio da costa dele a altura dos rins.

No mesmo instante, sua mão esquerda bateu com carinho na parte esquerda do seu peitoral. Nelson selou aquele encontro dizendo-lhe:

- E ai parceiro, tudo bem?

Algo incompreensível saiu dos lábios de Pavão.

Murmúrios que mesmo assim, foram interpretados por Nelson como uma recíproca a sua saudação. A proximidade entre os dois, no entanto, não durou muito tempo. Sem nenhuma explicação Pavão afastou-se repentinamente dali, indo postar-se a

cerca de dois metros à frente, próximo as coroas de flores.

Ali permaneceu durante todo o velório.

Sob o impacto de tão estranha atitude, Nelson ficou a pensar nas razões de Pavão para tanta indelicadeza.

“Será que estou a cheirar mal?”

Perguntou-se. Não poderia! Quando saia de casa, sua mulher até brincou:

- Você vai mesmo a um velório?

Está tão cheiroso!

Decidido a não ocupar-se mais em pensar na grosseria de Pavão, tirou os seus olhos do “Amigo” vivo e fixou-os no amigo morto.

Chegara à hora de levá-lo a sua sepultura.

O esquife dentro da campa foi sendo oculto por mãos hábeis no trabalho de fechar a gaveta, cimentando-a.

Em gesto final de despedida, aplausos ecoaram pelas alamedas caiadas e frias.

Caminhando em direção a saída, Nelson não viu mais Pavão por perto.

Quando no bicicletário, Nelson percebeu de canto de olho, Pavão voltando em direção a entrada principal daquele campo-santo.

Pensou para si: - Agora vamos ter que nos falar e resolver o que tiver que ser resolvido.

Pareceu-lhe que seria assim, pois vindo da via marginal e no passo que estava não demoraria a Nelson ter Pavão passando bem a sua frente.

Mas Pavão, de onde estava também viu Nelson. Então ele decidiu tomar a direção da Rua Julio M. Batista para chegar até a avenida dos trabalhadores.

Achou melhor desaparecer pela viela escura que ladeava o cemitério a ter que passar diante de Nelson e com ele dialogar.

Nelson, quando finalmente soltou sua bicicleta, virou-se esperando já dar de cara com Pavão. Como não havia mais ninguém ali a, não ser ele e o silêncio característico daquela esplanada deserta, chegou à conclusão que naquele fim de tarde havia perdido dois amigos.

Um! Pelos mistérios da vida que leva cada um ao encontro do seu inevitável destino.

O Outro! Pelas ações humanas que colocam cada um, diante das suas escolhas e máscaras.

Nesse aspecto, o finado era um exemplo de como se viver bem.

Na cabeça dele, todo erro cometido era uma excelente oportunidade do “ser” elevar-se, concertando o erro no momento seguinte.

Ainda segundo o finado: “Viver não era tão somente existir.

Viver! Consisti a na arte de dignificar o “Ser”.

E Falcão era um “Ser” determinado a vencer obstáculos e não parar diante deles e ficar buscando culpados no lugar de soluções.

Na cabeça de Pavão... Bem!

Quem de verdade pode dizer o que se passa na cabeça de um Pavão, além da conhecida vaidade. Nelson acessou a ciclovia que corria paralela a marginal, voltando para a sua casa.

Pedalando e em Paz.

“No seu caminho, a determinação dos Falcões era muito mais relevante que a indiferença dos pavões.”

FIM

O ESPANTALHO CONTRA O CRIADOR

Estávamos ao meio da tarde, eu e meu filho Caio, arriados no sofá da sala.

Um prato vazio e largado entre nós, sinalizava que eu dera fim a fome com a qual chegara em casa a cerca de uma hora atrás.

Caio lia o jornal do dia, que eu sempre trazia do serviço.

Na Tv passava o filme “O Espantalho”, terror dos brabos! Foi quando a figura de um Corvo apareceu na cena, e logo em seguida surgia à primeira vitima do personagem assassino.

A imagem daquele pássaro de plumagem negra e olhos de maus presságios despertou em mim uma questão.

Virei o rosto para o lado onde estava meu filho e lhe perguntei:

- Caio; em sua opinião, qual era a profissão de Deus no contexto da construção do mundo?

Caio, abaixou um pouco o jornal, direcionou o seu olhar para o meu e respondeu, a meu ver quase que

sem pensar.

- Arquiteto ué (*1)!

Tal afirmação não chegava a ser uma surpresa para mim.

O que me surpreendeu foi a rapidez com que a resposta foi dada.

Caio permaneceu na mesma posição de quando interrompera a sua leitura, aguardando que eu desse continuidade ao assunto.

Eu não o fiz esperar muito por isto!

- Eu estou convicto que não!

Ele de pronto replicou.

- E o que ele era então pai?

Minha resposta veio instantânea e eu disse cada letra lentamente.

- Escritor!

Após alguns poucos segundos, onde apenas o som da televisão se ouvia na sala, deu-se o seguinte dialogo.

- E o que o leva a afirmar que ele era Escritor e não um Arquiteto? - Veja bem, ele até pode ter sido Arquiteto, Engenheiro, Guerreiro, Matemático...Mas em qualquer dessas funções e tão somente nelas,

ele não teria a condição de colocar num mesmo cenário, tal como um Escritor faz quando escreve um livro, o Bem e o Mal, o Belo e o Feio, o Joio e o Trigo, a Morte e a Vida...Tudo junto!

Só um Escritor faz isso, com a intensidade dessas situações através do Romance, da Aventura, Da Ficção...Da Poesia!

Mas isso que o senhor fala me parece o retrato da concepção (*2) e não o da construção (*3)...

- Mas a concepção é o principio de tudo. Você foi uma concepção minha e de sua mãe. Depois você veio à vida pelas mãos de um médico, mas poderia ser pelas mãos de um policial, de uma parteira...de um arquiteto.

As condições para isso seriam construídas, mas não foram eles que te conceberam, me entende? - Bom! - Veja o Corvo desse filme. Apontei para a Ave que estava a rondar mais uma vitima.

A contra partida dele é um pombo.

Assim como a contra partida da violência é a PAZ! Só um Escritor pensaria em algo assim.

Faz sentido Pai...Faz sentido!

Caio tomou a direção da cozinha, levando consigo o prato vazio, e eu continuei ali sentado, olhando o Corvo a indicar mais um personagem do filme, a ser exterminado.

O Diretor daquele filme estava sendo muito fiel ao concebido pelo autor daquela estória (*4).

Um espantalho assassino... Só mesmo um Escritor!

O Universo sem a mão de um Escritor... Só mesmo um espantalho(*5) para difundir tamanho absurdo.

FIM

Considerações complementares com fonte no Google:

***1)** O conceito de que Deus é o Grande Arquiteto do Universo tem sido empregado em muitos sistemas de pensamento e o cristianismo místico o tem adotado em várias de suas manifestações. Ilustrações de Deus como o arquiteto do universo podem ser encontradas nas nossas Bíblias desde os primeiros séculos da Idade Média e tem sido regularmente

empregadas pelos doutrinadores cristãos de todas as tendências.

***2)** Significado de Concepção s.f.

Ação pela qual um ser é concebido, gerado.

Ação ou efeito de conceber, de gerar ou de ser gerado, através da junção de um espermatozóide com um óvulo; fecundação. Religião. Análogo a Conceição.

Capacidade, ato ou consequência de compreender; perceber alguma coisa. Faculdade de compreender: ter a concepção fácil.

Trabalho da inteligência: concepção de uma teoria.

Resultado de algum processo de criação: concepção de um quadro surrealista. Maneira pessoal de enxergar, sentir ou compreender algo, dar uma opinião.

Conhecimento, ideia, opinião: uma concepção original da vida. (Etm. do latim: conceptio)

***3)** Na arquitetura e na engenharia, a construção é a execução do projeto previamente elaborado, seja de uma edificação ou de uma obra de arte, que são obras de maior porte destinadas a infraestrutura como pontes, viadutos ou túneis.

É a execução de todas as etapas do projeto da fundação ao acabamento. Consistem em construir o que consta em projeto, respeitando as técnicas construtivas e as normas técnicas vigentes.

***4)** A palavra mais correta e socialmente aceita é história. A palavra estória aparece em dicionários mas não é unanimemente aceita, sendo o seu uso condenado por muitos por se considerar uma “invenção” brasileira sem necessidade de existir. Alguns defendem que devemos utilizar o termo história para a narração de fatos documentados e situações reais sobre o passado da humanidade e o termo estória para a narração de fatos imaginários, de ficção.

***5)** Espantalho é um boneco, feito de roupas velhas e chapéu, podendo ou não ser recheado com trapos, palha, estopa e ou outros materiais. São colocados em meio a hortas ou plantações com o objetivo de espantar aves, simulando a presença do ser humano. O uso do espantalho como meio de afugentar aves é relativamente antigo, e está presente em diversas culturas.

OS MOLEQUES E AS MINAS VAZARAM

Papai Noel ainda estava conversando com uma criança, quando eles apareceram no saguão frontal ao espaço onde estava montada a Casa do bom velhinho. Estavam em cinco, três rapazes e duas meninas. Todos já na casa dos 16 anos, bem encorpados, roupas não tanto rotas, mas desgastadas pelo uso constante. Em todos! A revolta contra qualquer coisa que os discriminava, escondida por alguns momentos nos seus olhares fixos em Papai Noel.

Papai Noel da sua natalina poltrona estende o seu braço direito, acena para eles, e com o polegar na condição de positivo, saúda os adolescentes com um Ho Ho Ho na sonoridade própria para lhes passar uma mensagem de paz.

Após um momento de conversa entre eles, uma das meninas entra e vai em direção a Noel, e lhe estende as mãos, que são seguras por ele, em seguida ela faz um movimento indicando querer sentar-se no colo dele, tal como as outras crianças procediam.

Noel rapidamente abre espaço para que ela acomodasse no braço da poltrona.

Bruna, esse era o seu nome, então, acomodada entre o braço e a perna de Noel, diz para ele:

-Quero tirar uma foto com o senhor?

A resposta já estava na ponta da língua de Noel: -Claro minha filha, peça para um dos seus amigos tirarem a foto com o celular dele.

Ela retrucou com certa contrariedade na sua voz.

-Mas não é a moça da máquina (Fotografa) que tira.

- Ela tira da pessoa que aceita pagar pela foto. Quando essa pessoa não quer a foto impressa, tira a foto com o seu celular.

Bruna levantou-se demonstrando claro desapontamento no olhar...

Noel sentindo o desapontamento dela lhe pergunta:

-Nenhum de seus amigos tem celular?

Ela já saindo do recinto, responde-lhe friamente: -Não, nenhum de nós tem celular não!

Ela, e seus amigos saem das vistas de Noel, que já se ocupava com outra criança que entrava no recinto pela mão de seu pai, para tirar mais uma foto com ele.

Passada cerca de hora e meia, a jovem Bruna entra novamente na Casa natalina, buscando o colo de Noel, e lhe dizendo com a voz embargada de alegria....

-Pronto Papai Noel, já podemos tirar a foto.

Ela entra acompanhada de um dos três rapazes, que postou-se diante deles, aguardou que ela se ajeitasse entre a perna de Noel e o braço da poltrona, e fez vários cliques.

Papai Noel, que tal uma Selfie com os meus amigos?

Claro que sim Bruna, chame eles para virem.

Ela chamou-os, e logo os dois rapazes mais a menina que aguardavam no saguão frontal se juntaram ao que já estavam lá dentro e se posicionaram.

Nicole, a outra menina sentou-se do lado direito de Noel, enquanto Anderson ficou do seu lado.

Pedro e Caio tal como jogadores de futebol, ficaram agachados a frente de Noel que no lugar da Selfie pede para a fotografa Thaynara fazer a foto.

Ela pega o celular das mãos de Caio e tira várias fotos.

Terminado os cliques, Noel diz para eles:

Feliz natal Bruna, e para todos vocês.

Que todos tenham um 2017 de muitas alegrias. Bruna estava feliz, e disse em nome de todos:

-Obrigado Papai Noel, nunca deixamos , nem deixaremos de gostar do senhor.

E saíram todos como crianças.

Felizes, depois de pegarem cada um, um pirulito que lhes foi entregue em mãos pelo bom velhinho.

Havia em Noel uma emoção que acelerou seus batimentos cardíacos, mas ele precisava voltar ao seu normal, pois mais uma criança pedia sua atenção.

Foi quando no meio desta nova e normal sessão de fotos, uma gritaria alastrou-se pelo saguão do prédio, vindo da escadaria de acesso ao segundo piso onde o Natal acontecia...

Os gritos eram fortes, aflitos e bem indicativos do que se tratava.

Pega, pega, pega ladrão.

Um desses cinco é que roubou o meu celular na ponta da praia, pega, pega, pega ele.

Esse "Ele" era Caio, um dos amigos de Bruna.

Pega nada!

Os moleques e as minas vazaram, enquanto Noel ocupava-se com mais uma criança.

Fim

Será mesmo o fim dessa história Papai Noel?



HO HO HO HO, eu acho que não!

NA VOLTA, UMA A MAIS

Um simples sinal foi o bastante para que aquele grupo de mulheres, conhecidas como Guardiãs, começasse a entrar pelo corredor de acesso ao interior da quadra da GRCES W 30, escola de samba coirmã da GRCES Madeira, que estava na quadra da anfitriã W 30 comemorando seus 86 anos de existência no universo carnavalesco. Entrava naquela quadra com as guardiãs, uma história de conquistas, sendo essa última inédita para a Madeira, pois essa no desfile de 2017 ganhará o cobiçado Galhardete de ouro na categoria melhor Ala da Velha Guarda, com a Ala das Guardiãs.

O samba forte, envolvente, apaixonante avançou noite adentro, com as Guardiãs se entregando ao pulsar da bateria e magia dos enredos cantados pelos puxadores de samba das duas agremiações.

Quando a noite alta chegou, o samba esmoreceu, e os pavilhões se aquietaram nos braços das portas estandartes, que até então riscavam o piso da quadra, envolvidas pela dança de seus sedutores

parceiros, mestres salas.

As guardiãs atenderam ao sinal de seu mestre para iniciarem a jornada de volta para suas casas. Elas após saudarem os pavilhões da Madeira e da W30, saíram pelo mesmo corredor que entraram... Eu estava saindo com as Guardiãs, tão feliz quanto elas, quando Oliver, um amigo recente da Madeira me pegou pelo braço, interrompendo a minha saída, e meu falou:

- Cassio, eu não sei se você acredita no espiritismo, mas eu acredito cara, e eu vi a Letícia entrando com vocês na quadra...

Na verdade eu fiquei sem poder responder a Oliver sobre as particularidades das minhas crenças, e parei, para não dizer congelei ante o relato dele, pois ao dizer que viu Letícia entrando com as Guardiãs, ele estava me afirmando que Letícia Gita, uma das nossas mais queridas guardiãs, falecida a cerca de 30 dias passados estava ali para viver aquele momento conosco, um momento que ela ajudou, sempre dando o melhor de si, para construir.

Eu precisei alertar as guardiãs sobre o ônibus que

chegava, então sai do meu torpor.

Oliver ao me ouvir chamar pelas guardiãs, disse-me:

- Não conte para elas agora, pois as reações podem ser imprevisíveis.

No que eu ponderei de imediato...

- Não, não vou, é só para elas irem para o ônibus...

Oliver então continuou...

Cassio, minha mulher estava ao meu lado neste momento, e senti quando eu dei uma baqueada ao ver a Letícia logo atrás das Guardiãs entrando sorridente.

- Oliver, você está bem?

- Olha amor (Falando com sua esposa, também praticante da mesma religião dele) aquele espírito de luz que está entrando com as Guardiãs!

- Sim, estou vendo!

- Lembra-se da Guardiã que eu te falei que havia falecido por estes dias... É ela...

- Foi ela Cassio, eu vi cara, era ela!

Oliver estava com a emoção explícita no brilho dos seus olhos e no tremor das suas mãos que se apertavam nas minhas...

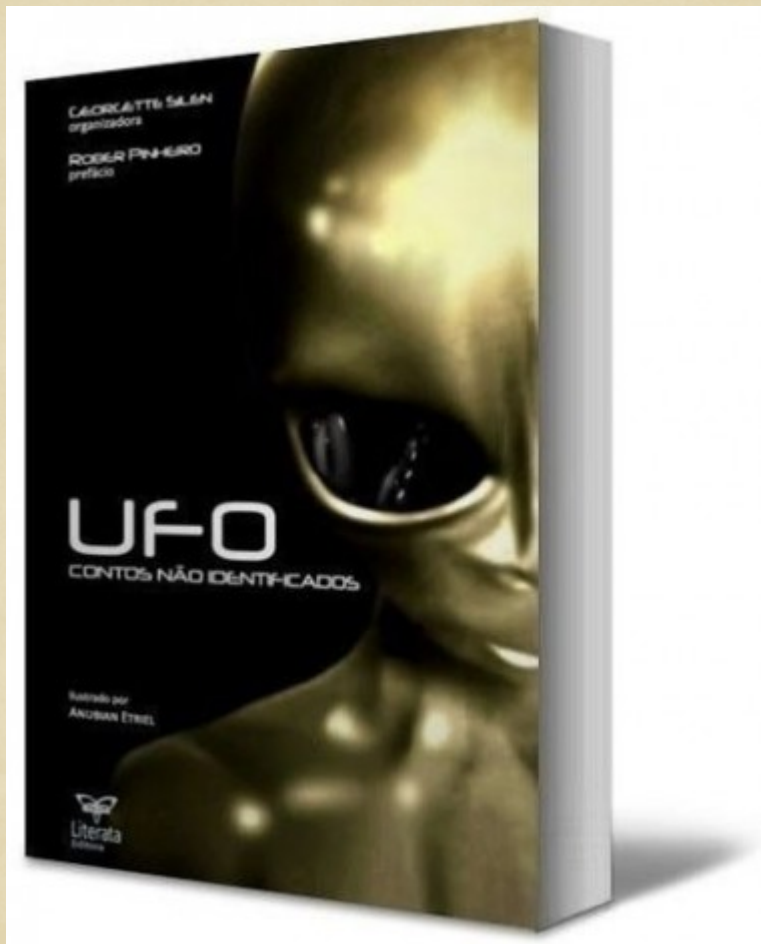
Eu o deixei ali na calçada do Pelouro em frente à quadra da W 30, e me dirigi para o ônibus, as Guardiãs já estavam embarcadas.

O mestre das Guardiãs também embarcou, e todos nós iniciamos a vigem de volta para Casa.

Mas! Só eu sabia, que com certeza existia naquele retorno, uma passageira a mais naquele ônibus.

FIM





Capa promocional da Antologia organizada por Georgette Sillen e Editada pela Editora Literata

Fonte: Google

Linda capa não é mesmo?

Em 2010 participei desta antologia ao lado de outros grandes contistas brasileiros.

Meu conto transcrito nas páginas 210, 211, 212 e 213 , intitula-se:

Nenhuma Palavra...Com toda certeza

"Devagar, elevei minha cabeça, até que aos meus olhos, um objeto de intensa luminosidade, se revelou..."



Eu, Georgette Sillen, Renato Azevedo - Consultor da revista Ufo e o Editor Eduardo Bonito/Literata



Em 2011, de novo sob a organização de Georgette Silen e Editora Literata que tinha a sua frente o Escritor Eduardo Bonito, natural de Praia Grande-SP, participei da Antologia: ESPECTRA-Histórias de Fantomas

Em respeito ao trabalho, que configura, o resultado de publicação de um livro, algo nos idos de 2010 e 2011 ainda muito difícil, não estou colocando neste meu livro "EM CONTOS" os contos que já foram publicados nos livros **Ufo-Contos não identificados** e **Espectra - Histórias de Fantasmas**, belos livros, e você há de convir comigo quanto a isso, no contexto de suas capas.

Plantei propositalmente aqui a semente da curiosidade para que você, leitor possa via "Mercado livre", "conceituadas livrarias brasileiras" ou mesmo através da própria organizadora Georgette Sillen adquirir o seu exemplar dessas obras, prestigiando a mim Celso Corrêa de Freitas, ou CCF se você preferir, como também outros grandes autores contistas brasileiros presentes nas duas obras.



Caro Leitor, meu desejo é que você tenha chegado a ultima página deste meu livro "Em Contos" talvez um pouco reflexivo, mas acima de tudo, feliz!

Que por ele, você tenha percorrido diversos universos e a cada universo percorrido mais tenha aumentado a sua vontade de chegar ao próximo, configurado pela página seguinte de Em Contos.

Que você tenha obtido o prazer da leitura, a conquista de conteúdos, e a percepção dos valores vividos pelo autor, ou no contexto de um personagem criado por ele.

Quero saber sua opinião!

E-mail: celso.correadefreitas@gmail.com

Rede Social: <https://www.facebook.com/celsoCCF>

Ela será muito importante para mim, pois terá o poder de tanto quanto inflar o meu ego, corrigir o meu rumo, e melhorar o meu texto, para os próximos livros que já estou pensando fazer.

Obrigado por sua leitura, e até o próximo!



Em cada cada página, um encontro. Em cada encontro, um conto! a unir, eu CCF e você leitor.

Conexão Leitor e Autor

Quero convidar a você que acabou de ler "Em Contos", a conhecer-me no contexto das minhas Atividades Culturais Desenvolvidas(ACDs) nos Blogs e Sites:

www.portalpoeticoccf.blogspot.com

<http://celsocorreadefreitas.wixsite.com/poescccf>

<https://celsocorreadefreitas.wixsite.com/overtrip>

<https://www.pensador.com/colecao/ccf/>

Curta e divulgue, principalmente deixe neles a sua opinião que será muito importante para mim, pois seu comentário se não inflar o meu ego, irá com certeza corrigir meu rumo.